

Como pensam as imagens



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade

TERESA DIB ZAMBON ATVARIS

EDITORA
UNICAMP

Conselho Editorial

Presidente

MÁRCIA ABREU

EUCLIDES DE MESQUITA NETO – IARA LIS FRANCO SCHIAVINATTO

MAÍRA ROCHA MACHADO – MARIA INÊS PETRUCCI ROSA

OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR. – RENATO HYUDA DE LUNA PEDROSA

RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

Organizador
Etienne Samain

COMO PENSAM AS IMAGENS

EDITORIA
UNICAMP

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

C737 Como pensam as imagens / organizador: Etienne Samain. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

1. Warburg, Aby, 1866-1929. 2. Antropologia visual. 3. Imagens – Interpretação. 4. Estética. 5. Comunicação visual. 6. Arte. I. Samain, Etienne Ghislain. II. Título.

CDD 778.5
152.14
111.85
001.56
700

ISBN 978-85-268-0961-1

Copyright © by Etienne Samain
Copyright © 2012 by Editora da Unicamp

2ª reimpressão, 2018

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à
Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

*A Georges Didi-Huberman, por nos fazer descobrir Aby
Warburg e muito mais.*

Agradecimentos

Sinto-me no dever de registrar alguns agradecimentos.

A Gregory Bateson (1894-1980) e a Aby Warburg (1866-1929), pelo legado de outros pensares em torno da compreensão das imagens.

Aos que tiveram a ousadia de participar deste empreendimento, os nove parceiros generosos deste livro e tantos outros amigos que acreditaram nas intenções desta obra.

A dezenas de discentes, os quais me instigaram, ao longo destes 25 anos, momentos em que quase nada sabia sobre o quanto, o que, o como e para onde as imagens me conduziriam.

Às agências de fomento (CNPq, Capes, Fapesp) — das quais a maioria dos colaboradores deste livro é beneficiária —, por nos permitirem realizar esse novo empreendimento.

A Fabiana Bruno e Ronaldo Entler, bem como a Marta Fontenele, cujo profissionalismo e inteligência sutis tornaram este livro um pedaço de uma vida crítica comum e especial em termos de partilha.

Não é por acaso que a metamorfose da lagarta e da ninfa em borboleta é chamada de *imago*. Assim se passa com a imagem da borboleta e com a *imago* psíquica no sentido de Lacan (ou de Merleau-Ponty, aliás): ela bate — ela bate as asas. É uma questão de aparição visual e de experiência corporal ao mesmo tempo.

(Didi-Huberman, “Imaginer, Disloquer, Reconstruire”,
in *Cannibalismes Disciplinares*, 2010, p. 189)

Sumário

Apresentação

Etienne Samain..... 13

PARTE I – PENSAR POR IMAGENS

As imagens não são bolas de sinuca. Como pensam as imagens

Etienne Samain..... 21

O silêncio das imagens

Sylvain Maresca..... 37

A obra ausente

Jorge Coli..... 41

Aby Warburg. Mnemosyne. Constelação de culturas e ampulheta de memórias

Etienne Samain..... 51

Aby Warburg, o não lugar de uma arte sem história

Marie-Anne Lescourret..... 81

PARTE 2 – QUANDO ARDEM AS IMAGENS

Uma antropologia das “supervivências”: as fotobiografias

Fabiana Bruno..... 91

Uma foto familiar: aprisco de emoções e pensamentos
(Anotações delirantes sobre [a]sombrografia)

Eduardo Peñuela Cañizal 107

Um pensamento de lacunas, sobreposições e silêncios

Ronaldo Entler..... 133

PARTE 3 – CUMPLICIDADE DAS IMAGENS

Surpresas da objetiva: novos modos de ver nas
revistas ilustradas modernas

Helouise Costa 153

Uma sensação estranha, que faz pensar

Annateresa Fabris 175

O espectador integrado: modos de figuração
da fotografia

Kati E. Caetano..... 191

CADERNO DE IMAGENS..... 207

Apresentação

Etienne Samain

É bem verdade que havia jurado nunca mais, na minha vida, embrenhar, com tal intensidade, pelos caminhos da imagem, pois, no decorrer de minha existência, interessei-me, após a exegese — essa verdadeira cirurgia de *textos* neotestamentários —, por questionamentos de ordem antropológica diante das imagens, antes que estas me enriquecessem de desdobramentos epistemológicos sucessivos.

O primeiro desdobramento diz respeito aos problemas complexos das singularidades e das complementaridades que levantam os diversos suportes da comunicação humana: som, imagens, fala, escrita e outras operações lógicas oriundas de nossos órgãos sensoriais, de que, até hoje, temos um conhecimento muito relativo ainda.

O segundo remete às questões das interações entre um chamado “pensamento selvagem” — Claude Lévi-Strauss — e um “pensamento domesticado” pela escrita — Jack Goody —, mediado pelas importantes reflexões de Anne-Marie Christin, para quem a escrita “é uma dupla imagem”: a de uma *figura* que se oferece a nosso olhar e a de uma *tela branca* — outra imagem (o suporte) — sem a qual a “figura” não poderia emergir. Cheguei lá após ter realizado — levado de um continente para outro, da Bélgica para o Brasil — essa outra dupla experiência: a de ter descoberto que passava de

uma cultura predominantemente marcada pela escrita e sua lógica cartesiana por outra, predominantemente sensível à observação e à imaginação. A segunda experiência foi decisiva. Foram os anos de 1977-1978 e 1981-1982, quando tive a fortuna de conviver com duas sociedades indígenas *ágrafas* (os índios Kamayurá do Alto Xingu e os Urubu-Kaapor que viviam, na época, nas cabeceiras do rio Gurupi). Nunca esquecerei esses momentos de descoberta exigente, quando também me deparava com seus mitos, outras “*narrativas sagradas*”, outros monumentos da sabedoria humana, e os estudava. Não sei, hoje, a quais filósofos, antropólogos, linguistas ou simples humanos tenho de me referir e agradecer.

Inserido, desde 1984, dentro do Programa de Pós-Graduação em Multimeios do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), interessei-me primeiro pelos problemas heurísticos que levantam essa imagem que se chama a fotografia e seus usos no âmbito da chamada antropologia visual. Progressivamente enfeitiçado pelo pensamento incomum de Gregory Bateson, por questionamentos de meus alunos e de colegas, outros suscitados pelas novas tecnologias do intelecto, procurei entender o que poderia vir a significar não diretamente uma antropologia da comunicação humana, e sim uma antropologia da ima-

gem. Mais recentemente, os aportes de Aby Warburg, pai da iconologia e antropólogo das culturas humanas, revelado na Europa por Georges Didi-Huberman, eram o que faltava para que este livro pudesse nascer.

O livro se situará, desse modo, essencialmente, no fecundo campo aberto por Gregory Bateson e Aby Warburg. De Bateson — biólogo, antropólogo e epistemólogo —, na medida em que concebe a comunicação humana tanto como um fato cultural quanto como uma orquestração ritual, sensível e sensorial, sempre inserida num contexto, isto é, em um circuito de fenômenos conectados. De Warburg — historiador da arte e humanista nato —, quando exuma e reaviva, nas obras de artes e outros grandes movimentos da história, as “formas [fórmulas] de patético”, presentes em todas as culturas humanas. Existe, assim, entre Gregory Bateson e Aby Warburg, que nunca se conheceram, uma empatia, vibrante e generosa, com relação à existência humana e ao modo de encará-la a partir de suas múltiplas expressividades comunicacionais. Há entre ambos uma cumplicidade e uma comunhão de olhares que se cruzam e se completam, deixando-nos estupefatos ante a ousadia serena, quando se trata de antever outros estilos de conviver em sociedade e de pensar em outros parâmetros críticos o mundo que partilhamos.

Do encontro desses dois gigantes devia nascer uma questão imperativa: *Como pensam as imagens*. Um questionamento, resultante de um rico ciclo de estudos, debates e discussões realizados em fóruns de diversas regiões do país e no exterior, os quais possibilitaram o encontro de nove parceiros que não hesitaram em lançar respostas ao desafio de *como pensam as imagens*. Interrogação que congrega o esforço para assumirmos que as imagens são portadoras de pensamento

e como tal nos fazem pensar. Fomos ainda mais longe, ousando admitir que as imagens, ao associarem-se, são “formas que pensam”.

O livro é, assim, a resultante de uma longa viagem. Um questionamento surgido de uma necessidade. Representa, decerto, uma aventura, tanto no seu sentido de audácia como no sentido de seus destinos. Os verdadeiros questionamentos, penso, somente se oferecem de dentro da vida, até mesmo quando se descobre, um dia, que eles são sem futuro ou inconsistentes. Sempre nascem de um processo existencial. É nessa direção que procuro entender a comunicação humana, pois não escreveria essas palavras sem a confiança de todos aqueles que participaram daquilo que talvez não passe de uma miragem, mas uma miragem muito séria. Sempre tive medo das certezas e, aliás, tenho poucas. Prefiro as conjecturas e as probabilidades: encontrar, numa parede, pequenas fendas, do tamanho de duas andorinhas, ou me arriscar como borboleta em torno de chamas.

A estruturação da obra se apresenta em três partes. Após esta apresentação, que lembra a gênese do empreendimento, o leitor, numa primeira parte, vai se deparar com a questão epistemológica central do livro: “Pensar por imagens”. Além do texto introdutório “As imagens não são bolas de sinuca”, que lança problemáticas diretamente ligadas à concepção que Gregory Bateson tem do mundo não vivo das bolas de sinuca e das galáxias (*o pleroma*), “onde as forças e os impactos fornecem uma base de explicação suficiente”, e a *creatura* (o vivente), em que nada pode ser entendido se não se evocam as *diferenças e singularidades*, as estruturas que conectam as orquídeas do mar às borboletas e — acres-

cento — aos homens e às *imagens*. Esse texto será logo seguido pelo breve artigo de Sylvain Maresca, da Universidade de Nantes: “O silêncio das imagens”. Um silêncio, todavia, de um “louco pensamento”, que, embora exista, “recusa-se a falar”. Mutismo das imagens, que dessa vez Aby Warburg “contestaria”, ele que, no seu último grande projeto, *Mnemosyne*, encarava a possibilidade de elaborar uma “história da arte sem palavras”.

É precisamente nesse momento que iremos nos deparar com o convincente artigo de Jorge Coli, “A obra ausente”, o qual explora o conceito de “semelhança”, que opera como “fulcro da percepção mas, ainda, o erige como processo primeiro da compreensão”. Conceito esse logo reconduzido por dois artigos complementares sobre o pai da iconologia moderna: Aby Warburg.

O primeiro, de autoria do organizador do livro, “Aby Warburg. *Mnemosyne*. Constelação de culturas e ampolheta de memórias”, pretende traçar um horizonte referencial em torno da pessoa e da obra de Warburg. Uma obra de dupla mão: de um lado, a famosa biblioteca de Warburg em Hamburgo, em que a ordenação dos livros obedecia à “lei da boa vizinhança”; de outro, o projeto de criação de “uma história de fantasmas para adultos”, o inacabado *Atlas Mnemosyne*. Deste último se procurará tanto lembrar as intenções gerais da obra como definir dois conceitos fundamentais à compreensão desse empreendimento visionário: o “após-viver” (*Nachleben*) e as “fórmulas de patético” (*Pathosformeln*), próprias às imagens. Seguirá uma tentativa de exegese da última prancha (Prancha 79) do *Atlas*, elaborada por Warburg, poucos meses antes de sua morte (em outubro de 1929).

O segundo texto, de autoria de Marie-Anne Lescourret — da Universidade de Estrasburgo —, “Aby War-

burg: o não lugar de uma arte sem história”, aproximará o leitor da inspiração e da visão constelada warburgiana. Na linha de outras biografias intelectuais que já realizou (Rubens, Lévinas, Goethe, Claudel, Bourdieu), Lescourret traçará com precisas pinceladas o contexto intelectual e histórico dentro do qual germinou o *Atlas* de Warburg, para quem “os pensamentos não conhecem fronteiras”.

Na segunda parte do livro, ousadias, interrogações e criações se encontram para experimentar e dar a conhecer “imagens que pensam e, no entanto, relutam a revelar o que pensam”. Pois, “Quando ardem as imagens”, elas se consomem, todavia, basta-lhes um sopro para que as cinzas se reavivem e renasçam suas chamas.

Fabiana Bruno abre o jogo com uma primorosa contribuição metodológica e imagética intitulada “Uma antropologia das ‘supervivências’: as *foto*biografias”, na qual, sem desconhecer o poder da fala, dá uma prioridade heurística às maneiras com que cinco informantes idosos organizaram, por meio de imagem e de “formas que pensam”, a memória de toda uma existência. Vai mais longe, ao nos propor reflexões visuais sobre uma potencial e necessária estética dessas *foto*biografias

Num artigo, cheio de ternura contida “Uma foto familiar: aprisco de emoções e pensamentos. (Anotações delirantes sobre [a]sombrografia)”, Eduardo Peñuela Cañizal se deixa interpelar por uma belíssima fotografia de seus pais, irmãos e irmãs, quando o próprio estava ainda para nascer. À maneira de um tecelão, ele vai desvendando com Walter Benjamin a capacidade que tem a “fotografia de revelar constructos do inconsciente ótico, assim como a psicanálise há de desvendar elementos do inconsciente pulsional”.

Ronaldo Entler nos faz entrar, com especial fineza, na magia criadora de três artistas contemporâneos — Christian Boltanski, Sophie Calle e Chris Marker — no seu “Um pensamento de lacunas, sobreposições e silêncios”. Descortina uma via real no que diz respeito a novas concepções estéticas, de pensar o mundo, as ciências do homem e as artes, por meio desses enigmas vivos que são as imagens.

Cantos e confidências, eis o que nos reserva a segunda parte desta obra, quando os autores, revendo fotografias que lhes são próprias ou que lidam com o passado, evocam histórias da família humana, momentos, quando, por sua vez, as imagens nos lembram que são portadoras de um pensamento tão difuso quanto vivo, o qual transpassa — e ultrapassa — nosso próprio tempo histórico.

Com “Cumplidades das imagens”, a terceira parte do livro, voltaremos a renovadas indagações epistemológicas levantadas na primeira parte. Três autores delinearão e nos proporão percursos críticos entre “modo de ver” e “modo de pensar”, o que as matrizes comunicacionais buscam nos oferecer na atualidade. Nenhuma tentativa de sedução nessa fase do livro, e sim uma interrogação profunda entre “magia”, “espectador”, “operador” e “desconstruções do olhar”. Várias provocações em torno de um porvir das imagens. Uma coisa fica certa: não olharemos as imagens, nas próximas décadas, da mesma maneira. As imagens pensam e nos fazem pensar, além de elas moldarem o nosso próprio olhar. Somos assim “observadores” condicionados tanto pelos nossos modos de ver como pela peculiaridade com que as imagens olham para nós.

Numa comunicação ricamente articulada, “Surpresas da objetiva: novos modos de ver nas revistas ilustradas modernas”, Helouise Costa reflete acerca da relação

entre modernidade e comunicação contemporânea. Propõe-se indagar de que modo a fotografia, por intermédio das revistas ilustradas: *Vu* (França), *O Cruzeiro* (Brasil) e *Life* (Estados Unidos), entre as décadas de 1920 e 1950, sensibilizou a sociedade a pensar sobre o papel da visão na modernidade. Na linha aberta por Jonathan Crary, a autora explora os conceitos de “surpresa visual”, de Alexandre Rodtchenko, e os oito tipos da *Nova visão* definidos por László Moholy-Nagy, o qual entendia a “fotografia como instauradora de um novo modo de ver”, uma “pedagogia do olhar” que deveria se tornar o prelúdio do fotojornalismo moderno.

Numa linha paralela, Annateresa Fabris, por sua vez, estuda o universo de referências visuais dos fotógrafos de São Paulo, na década de 1940, adentrando nas novas lógicas de representações visuais do Foto Cine Clube Bandeirantes com seus “pioneiros”: Thomaz Farkas, José Yalenti, German Lorca, Geraldo de Barros — os quais examinam “as possibilidades de desestabilização da percepção corriqueira”, desenvolvendo aquela “sensação estranha que faz pensar”, moldando, dessa maneira, novos observadores.

Kati Caetano, em “O espectador integrado: modos de figuração na fotografia”, prolonga e amplia os questionamentos abertos, nessa última parte do livro. Ela renova a discussão acerca da conhecida problemática, quando trata do mundo das imagens (no caso, fotografias), que, ao permanecerem sempre *documentais* (não necessariamente verdadeiras), nunca poderão existir sem suas indispensáveis dimensões *estéticas*.

Entre “observar e retratar”, impõe-se a todo ser humano a necessidade de contemplar e de pensar a imagem. Quer seja a estética do “instante decisivo”, quer

seja a estética do “isso foi atuado”, ou ainda a chamada “fotografia pós-moderna” (fotografia vista como “encenação” e “teatro de um instante”) — pouco importam as etiquetas —, pois as potencialidades das imagens de hoje clamam por uma interlocução aberta entre elas. Eis o que nos oferece a autora estudando alguns trabalhos de Abelardo Morell e Klaus Mitteldorf, perscrutando o “inconsciente ótico” (Walter Benjamin), povoado pelas imagens que o olho não capta mas que a mente e a máquina registram.

Um pouco mais de dez anos após ter organizado *O fotográfico*, acredito que tínhamos razão, na época, em oferecer o que pretendia ser uma problematização múltipla em torno da fotografia. Pensava, então, em vozes e talentos diversos, capazes de desvendar um suporte imagético, sem dúvida, privilegiado da comunicação humana, todavia, não o único, nem o principal, mas o fundador tecnológico que mediava, com a fala, a escrita, o cinema e o vídeo, o conhecimento e a representação humana de nossa realidade. *Meios* de comunicação que permanecerão — diria, hoje ainda, o antropólogo Jack Goody (1988) — *modos* de pensar singulares e complementares e *maneiras* próprias de *nos organizar* socialmente.

Das sociedades ágrafas, assim, passamos por sociedades domesticadas pela escrita — e sua burocracia — hoje, reguladas por um sistema informático e digital abertos, os quais nos desnudam, pelo menos três vezes por dia, nos alertam, nos localizam e nos vigiam, mas nos permitem, igualmente, operações lógicas e avanços socioculturais potencialmente imensos.

É precisamente esse lado positivo da comunicação visual hodierna que a mim interessa, na medida em

que redimensiona nossas relações com as imagens e com o pensamento por imagem; no mesmo ritmo que vem configurar outros estilos, tanto cognitivos, lógicos e estéticos. Isso me conduziu a descobrir que deveríamos dar muito mais relevo à matriz comunicacional (Samain, 2007) que rege nosso pensamento: as imagens. Chegou o momento de reavaliar — serena e seriamente — a epistemologia da comunicação, ameaçada na dubitável matriz logocêntrica de nosso Ocidente. O verbal escrito instaurou-se como ordem epistemológica e fizemos tanto da fala quanto da escrita as crenças (para não falar em dogmas) e as alavancas de nossas faculdades de apreensão e intelecção. Não é somente possível como necessário livrar-nos dessa epistemologia da comunicação, que ignora, enquadra e reduz a indizibilidade e a riqueza polissêmica do sensorial humano. Depois de Aristóteles, Tomás de Aquino tinha razão, no século XIII, de lembrar aos seus contemporâneos, os novos letrados, que “nada há no intelecto que não tenha estado nos sentidos”¹.

Ousar dar confiança e atenção ao *como pensam as imagens*, eis a razão deste novo trabalho em torno da imagem. Argumento e empreendimento evidentemente questionáveis, por conferirem vida às imagens e não apenas ao nosso “eu” (*self*), sempre indevidamente considerado na cultura ocidental como o eixo central da compreensão das coisas deste mundo. Por sua natureza, além de problematizar, esta obra se propõe a deixar germinar novas ideias em torno da imagem, de todas as imagens.

¹ “Nihil est in intellectu quod non prius fuerit in sensu”.

Bibliografia

- GOODY, Jack. *Domesticação do pensamento selvagem*. Lisboa, Presença, 1988 (or. inglês, 1977).
- SAMAIN, Etienne. “A matriz sensorial do pensamento humano. Subsídios para redesenhar uma epistemologia da comunicação”, in Ana Sílvia Lopes Davi Médola, Denize Correa Araujo e Fernanda Bruno (orgs.), *Imagem, visibilidade e cultura midiática*. Porto Alegre, Sulina, 2007, pp. 63-79.

PARTE I

PENSAR POR IMAGENS

